

TEMPORAL | O grande volume de água que caiu ontem em Salvador provocou 230 ocorrências, uma delas com três vítimas fatais

Chuvas causam três mortes

Foi um dia atípico para o baiano, que acordou na segunda-feira sob o forte impacto das águas. A chuva, que chegou a atingir 77,2 milímetros - equivalente ao previsto para 20 dias de novembro -, deixou estragos por toda a capital, provocando alagamentos, enxurradas, deslizamentos e desabamentos. No total, foram 230 ocorrências registradas pela Codesal. O caso mais grave aconteceu em Castelo Branco, onde três pessoas de uma família morreram depois que um barranco deslizou sobre sua casa. A tragédia mostrou que o trabalho de proteção das encostas em Salvador ainda está longe de ser concluído, assim como as obras de drenagem. Os alagamentos provocaram o protesto de moradores da Avenida Paralela, que interditaram suas duas vias por toda a manhã. A frente fria também atingiu o interior do Estado, deixando mais quatro municípios em estado de emergência. E o tempo ruim deve continuar, segundo o Inmet, que prevê para hoje céu nublado com possibilidade de chuvas.

DANILE REBOUÇAS E MEIRE OLIVEIRA
drebouca@grupoposte.com.br
moliveira@grupoposte.com.br

O deslizamento de um barranco, provocado pelas chuvas na madrugada de ontem, causou a morte de uma família inteira na 3ª etapa do bairro de Castelo Branco. Por volta das 7 horas, o vendedor Daniel Pires Gonçalves, 23 anos, retirava o barro acumulado na sua porta. Meia hora depois de ter entrado em casa, onde estavam a esposa Daviane dos Santos Oliveira, 23 anos, e o filho Carlos Daniel Gonçalves de Oliveira, que havia completado um ano no domingo, sua residência foi destruída.

Uma das vizinhas do casal, Magnólia Neves dos Santos, 30 anos, ouviu o barulho e saiu correndo. "Só deu tempo de gritar por socorro e começar a procurar por eles", contou. Os vizinhos tentaram resgatar a família em vão. Os corpos foram jogados a 5 metros, ao lado da casa do técnico em refrigeração Roberto Alves de Aquino, 25 anos, que também pode ser atingida se a chuva continuar. "Acordei com a casa cheia de lama, chamei por Deus e pulei a janela".

Apenas um pedaço do muro da casa de Daniel resistiu ao impacto do barranco. A doméstica Jaciara Pires, 42 anos, soube da morte do filho três horas depois. "Era meu caçula", dizia aos prantos. O irmão de Daviane, Irailton Santos Oliveira, 32 anos, que mora acima da casa derrubada, viu o desabamento de perto. "Caiu tudo de uma vez. Não deu para fazer nada", disse. No local há mais de dez casas em risco, localizadas abaixo do barranco, e os moradores estão apreensivos.

Em Cajazeiras IV, Rua Álvaro da

"Só deu tempo de gritar por socorro e começar a procurar por eles"

Magnólia Neves dos Santos, vizinha das três vítimas cuja casa foi destruída ontem pelo deslizamento de um barranco na 3ª Etapa de Castelo Branco

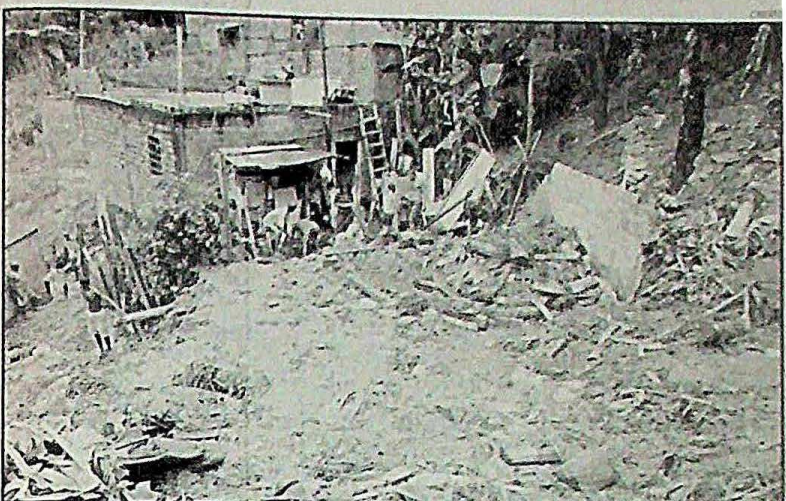
França Rocha, houve uma situação parecida. A contenção, construída há seis meses pelo proprietário da casa de material de construção O Formigão, conhecido como Sérgio, desabou sobre a casa da doméstica Tereza Marinho, 56 anos. A vizinha dela, Rosenilda Brito, 36 anos, ouviu o barulho às 6h40 e saiu correndo para retirar dona Tereza, o filho e a neta de casa. "Só deu tempo deles chegarem na minha porta. O imóvel desapareceu e outras casas podem ser atingidas, pois o barranco continua cedendo". Funcionários da loja O Formigão disseram que o dono está viajando e não é possível entrar em contato com ele. No desespero de salvar a família, o filho da doméstica acabou caindo e fraturou a perna. Rogério Marinho, 26 anos, está internado no Hospital Geral

do Estado e vai passar por uma cirurgia.

Segundo Adriana Marinho, 30 anos, filha de dona Tereza, técnicos da prefeitura já tinham interditado a obra, que previa a construção de apartamentos. "Quando a alvenaria rachou fui falar aos engenheiros que a obra continuava e eles deram risada na minha cara", contou.

Em Narandiba, a forte chuva também provocou um deslizamento de terra na Rua São Paulo. Uma situação de desespero para o catador de materiais recicláveis José Souza Sodré, que perdeu sua casa. Às 5 horas ele saiu para trabalhar e, quando retornou, às 10 horas, encontrou tudo destruído e com barro sobre todos os seus utensílios. Desolado, José, que mora sozinho, olhava a situação sem acreditar. Na parede, a única coisa que ficou foi a imagem de Jesus Cristo na cruz. A menos de 100 metros do deslizamento, na Rua Alto da Jaqueira, os moradores se arriscavam para atravessar a ponte sobre o esgoto. Esta já estava parcialmente destruída e, com as chuvas de ontem, a pequena parte que dava passagem rachou.

A chuva gerou estragos para os moradores do entorno do Parque São Bartolomeu. As águas do Rio do Cobre ganharam força e o fluxo nas cachoeiras ficou mais intenso. Os alagamentos vieram como consequência. Na Rua das Fontes, na Oscar Seixas e na Travessa Isabel Gentil, por exemplo, as casas foram invadidas por lama e água contaminadas do rio. O comerciante Edvaldo Pinto, que mora ao lado da cachoeira, na bacia de Oxum, relata que vê fezes na correnteza. "Todo o esgoto se mistura com a água e passa aqui", diz.



A casa de Daniel Pires Gonçalves, em Castelo Branco, foi destruída com o deslizamento de um barranco

Transtornos e estragos por toda parte

A Coordenação de Defesa Civil de Salvador (Codesal) registrou, até as 18h30 de ontem, 230 ocorrências na cidade. A maioria dos casos foi deslizamentos de terra (141), que ocasionaram as três mortes e desabrigaram famílias. Houve 22 desabamentos de imóveis, 19 de muros, 22 solicitações de alagamento, uma pista rompida e duas árvores caídas. Em situação de ameaça, a Codesal registrou dez de deslizamento, duas de desabamento de muro e dez de imóvel. Os estragos provocados pela chuva já fizeram 34 municípios balanços entrarem em estado de emergência.

No período da tarde, a chuva deu uma trégua, mas os transtornos já haviam sido provocados durante a manhã. Muita gente que arriscou sair de casa a pé ou para pegar um ônibus chegou ao destino molhada e suja de lama. Natalie Santos Machado, 30 anos, até que se arriscou. Mas quando chegou à Pituba, na Rua Território do Amapá, a água já

passava do seu joelho. Natalie usava as árvores para se apoiar da força da correnteza. As avenidas ACM, Paralela e Bonocó também permaneceram alagadas por muito tempo. Nos pontos de ônibus, os passageiros à espera do transporte não tinham como fugir do banho quando os veículos passavam e dispersavam a água das poças.

Na Rua Régis Pacheco, Uruguai, as casas foram alagadas e os carros e ônibus passavam pela via esburacada e com água a quase um metro de altura. Na Avenida Paralela, um coletivo cheio de passageiros ficou parado por mais de duas horas, em frente ao Condomínio Amazônia. Em Nazaré, no Beco dos Escravos (Rua da Independência), o nível da água subiu e inundou a rua. No Imbuí, os moradores do bairro também tiveram problemas com inundações.

No bairro de Sete de Abril, Rua Ideal, apesar do nome, os moradores ficaram sem poder sair de casa. A lama tomou conta

de todas as acessos e ultrapassava o joelho quando a chuva estava mais intensa. No final da manhã, quando o temporal deu uma trégua, as pessoas começaram a limpar suas casas na tentativa de salvar os móveis que não foram levados pela chuva.

A recepcionista Creuza Félix, 20 anos, preferiu não ir trabalhar. Durante toda a manhã, ela ficou ajudando a mãe, Joana Félix Souza, a limpar a casa. "Os móveis são todos novos. Mas só deu para salvar a televisão porque estava na estante. Só tem quatro meses que comprei meu guarda-roupas". No final da rua, a situação era pior. O vigilante Fernando da Conceição Santos chegou ao trabalho e não conseguiu entrar em casa.

Os bairros da capital que lideraram as ocorrências na Codesal foram Castelo Branco, Canabrava, Tancredo Neves, São Gonçalo do Retiro, Plataforma, Mirantes de Peripet, São Marcos, Cajazeiras e Mussurunga.

População reclama da ausência de ações efetivas

Ilhado, sem ter sequer como levantar de sua cadeira, onde permanecia sentado com os pés em cima de um suporte e o apoio do corpo dividido com uma bengala. Assim amanheceu Wilson José Alves, 77 anos. Ele mora na Bacia de Oxum, área que ficou alagada com as águas sujas do Rio do Cobre, no Parque São Bartolomeu. Enquanto chovia, ele reclamava da atenção dada pelos órgãos governamentais à região. As 10h30, Wilson mostrava o telefone de sua cadeira, dizendo que já havia feito dez ligações para a Codesal, mas nenhuma foi atendida.

A reclamação de Wilson se estende a diversas pessoas que foram vítimas da chuva ontem. Seja em São Bartolomeu, São Cristóvão, Cajazeiras, Peripet e Tancredo Neves, entre outros locais, os moradores questionam as ações e promessas da prefeitura e do governo do Estado. Eles pedem por casa, desmontamento de canal, rede de drenagem, canalização do esgoto.

LATIDO - Irailton dos Santos, que trabalha com reciclagem, mora em um pequeno cômodo na Via Regional com quatro filhos. Ontem, o muro de sua casa foi destruído, caindo sobre a cama onde dormiam as crianças. Graças ao latido de sua cadeira, chamado Camêla, Irailton conseguiu salvar seus filhos. "Estava saindo para o trabalho e me assustei com o latido. Quando voltei já tinha caído tudo. Peguei meus filhos e fui

para a rua", contou. Acontece que a área onde Irailton mora localiza-se ao lado de um terreno baldio, onde um imóvel caiu há quatro anos. Na época, o desabamento foi causado pelo mesmo barranco, que recebe água da chuva e todo o esgoto de casas localizadas na parte de cima da Via Regional. "Vários engenheiros já vieram aqui e não fazem nada e não sei mandar a gente sair, mas não temos para onde, o governo não ajuda a gente, só promete", disse a catadora de material reciclável.

Na Rua das Fontes (Estrada Velha do Cabrito), Marlene dos Santos era outra vítima da chuva. Ela chorava e clamava para os poderes públicos. A casa dela mais uma vez foi alagada e as mobílias estavam todas no alto, na tentativa de protegê-las da enxurrada. "Aqui é só promessa, ninguém come, ninguém bebe, ninguém pode tomar banho quando acorda. Só vão resolver o problema quando tiver outro cadáver, eles só querem que a gente pague água e luz e vote neles no dia das eleições, depois todos votam", desabafou.

O síndico do Edifício Ametista, no Condomínio Pedras do Vale (Avenida Bonocó), Laerte Santana Vieira questionava o trabalho da Defesa Civil. Ontem, mais uma vez, foi registrado um deslizamento de terra no local. "Eles vêm, retiram o barro, colocam a lama e prometem. Não há uma ação construída com outras secretarias para combater a rede de drenagem da mal de terra, que está provocando o deslizamento de terra", pontuou.

PONTOS CRÍTICOS

A chuva causou estragos em toda a cidade. Veja o que aconteceu em alguns locais de Salvador



[1] São Cristóvão
Moradores tiveram dificuldades para sair de casa. Na Rua Adulador, próximo ao Rio do Cobre, houve alagamento. A água invadiu todas as casas da região.



[2] Castelo Branco (terceira etapa)
Na Rua 50, barranco deslizou e matou três pessoas (uma mãe e uma criança com um ano). Outras casas correm o mesmo risco.



[3] Narandiba
Na Rua São Paulo, um deslizamento de terra atingiu o muro de uma casa e ameaça outros. Na Rua João de Deus, a gente que desabou parcialmente no último sábado, rachou e ameaça cair.



[4] Brotas
Na Rua Mendonça Neto, alagamento provocado por deslizamento de barranco na Travessa Petrópolis de São, no Bairro dos Pedreiros, impediu a saída.



[5] Cajazeiras IV (Via Regional)
Concreção desabou sobre uma casa. Morador está internado no HCU com a perna fraturada. Outras casas também correm risco de cair.

[6] Conjunto Favela Grande
O encastamento de ônibus afetou moradores que não tinham como sair.

[7] Daniel Ubaldo (Brotas)
Vizinha desabou na Rua de São. O muro de um prédio caiu e interrompeu o trânsito em uma via.

[8] Imbuí
A Rua Camêla ficou completamente alagada. Os pedestres tinham que atravessar com a água acima do joelho.

[9] Jardim Cruzeiro
Na Rua Almeida, moradores e chuva invadiu casas e destruiu o Sanebas.

[10] Nazaré
Na Rua da Independência, a água subiu cerca de 1,5 metros, inundando o canal.

[11] Pituba
Muito tempo a desmontagem e a remoção da lama impediu a saída.

[12] São Bartolomeu
Chuva provocou deslizamento de terra na Rua da Cachoeira e impediu a saída. Algumas famílias foram afetadas. Na Rua da Cachoeira, houve deslizamento de terra e lama.

[13] Sete de Abril
Na Rua Ideal, a terra está rachada e com lama em algumas ruas.

[14] Uruguai
Na Rua Régis Pacheco, a água invadiu as casas.